



## DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS: UMA BREVE REVISÃO

VICENTE, Cândida Fabiana<sup>1</sup>  
GIMENEZ, Fabiana Veronez Martelato<sup>2</sup>  
BARBOSA, Jonas Pedro<sup>3</sup>

### RESUMO

A doação de órgãos e tecidos é um tema que precisa ser trabalhado na sociedade brasileira. Existe uma longa fila de espera de receptores mas não de doadores. Equilibrar essa realidade é um desafio para a sociedade e o profissional de enfermagem tem um papel importante nesse contexto porque ele pode de forma motivar os doadores e estar próximo dos que precisam de doação. Sendo assim, é importante que esse profissional esteja preparado não apenas tecnicamente, mas, emocionalmente para estar atuante nessas situações. Nesse estudo com o objetivo de apresentar ações que podem ser realizadas nesse contexto. Palavras chave: Doação de órgãos e tecidos. Enfermagem. Promoção à saúde.

### ABSTRACT

The donation of organs and tissues is a theme that needs to be worked on in Brazilian society. There is a long queue of receivers but not donors. Balancing this reality is a challenge for society and the nursing professional plays an important role in this context because it can motivate donors and be close to those who need donation. Therefore, it is important that this professional is prepared not only technically, but emotionally to be active in these situations. In this study with the objective of presenting actions that can be performed in this context.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: fabyvi@bol.com.br

<sup>2</sup> Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: fabiveronez@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: enfjonas@hotmail.com



Keywords: Donation of organs and tissues. Health promotion. Nursing.

## **INTRODUÇÃO**

Os transplantes de órgãos e tecidos, no Brasil, surgiram nos anos 1960. Em 1968, surgiu a Lei nº 5.479, revogada, em 1992, pela Lei nº 8.489. Estas dispunham sobre os transplantes de órgãos, tecidos e partes do corpo com fins terapêuticos e científicos. A lei que abriu espaço para o processo de consolidação dos transplantes foi a de nº 9.434, criada em 1997, eliminando a desigualdade de acesso nas diferentes classes socioeconômicas, fato que existia anteriormente. Posteriormente, criou-se o Sistema Nacional de Transplantes, responsável pela infraestrutura da notificação de casos de morte encefálica, captação e distribuição de órgãos e tecidos, que é denominada de fila única (SILVA FILHO et al, 2016).

Desde então, a questão do transplante vem evoluindo de procedimento com elevado risco de morte, realizado apenas em pacientes com insuficiência renal crônica em estágio final, para intervenção terapêutica eficaz nas doenças terminais de outros órgãos sólidos, como coração, pulmão, fígado, pâncreas e intestino, além de tecidos e células. Esta notável evolução decorre de uma série de confluências, como aceitação cultural, evolução jurídica e política para facilitar a doação e o transplante, métodos de captação e distribuição dos órgãos e tecidos, avanços das técnicas cirúrgicas e de preservação, imunologia, imunossupressão e gerenciamento de infecções. As doações e o aproveitamento de órgãos e tecidos, no entanto, estão aquém das necessidades das grandes filas de espera. Adicionalmente, ressalta-se que a efetividade do transplante relaciona-se diretamente ao doador falecido, pois, até o final de 2013, dos 7.649 transplantes de órgãos sólidos realizados no Brasil, apenas 17,9% ocorreram com doadores vivos. Designa-se doador falecido o indivíduo com diagnóstico confirmado de Morte Encefálica (ME), conforme a resolução estabelecida pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). A doação de seus órgãos e tecidos dependerá da autorização do cônjuge



**Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020**

ou parente maior de idade, obedecida a linha sucessória, reta ou colateral, até o segundo grau. Esse doador pode oferecer para transplante, simultaneamente, coração, pulmões, fígado, pâncreas, intestino e rim, além de córnea, esclera, osso, cartilagem, tendão, menisco, fáschia, valva cardíaca e membrana amniótica (FREIRE et al, 2015).

O Brasil dispõe do maior programa público de transplantes do mundo e com aumento expressivo do número de transplante, embora que ainda insuficiente, a taxa obtida é de 5,4 doadores por milhão de habitantes/ano. O processo de doação é definido como um conjunto de ações e procedimentos que consegue transformar um potencial doador em um doador efetivo. Quando existe a identificação de um potencial doador em unidade de terapia intensiva ou pronto socorro, há a obrigatoriedade de notificação compulsória à Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos e Tecidos (CNCDO), descentralizadas em Organização de Procura de Órgãos- OPOs. Assim, o médico ou enfermeiro de uma unidade de terapia intensiva tem o compromisso ético de notificar um potencial doador a CNCDO de seu estado (MATTIA et al, 2010). O transplante de órgãos é uma alternativa terapêutica que traz grandes chances de recuperação a uma pessoa que pode estar anos em sofrimento. Configura-se por retirar órgão ou tecido ou parte deles de um indivíduo, o doador, e implantá-lo em outro, o receptor. O doador de órgãos pode ser alguém vivo e saudável ou *post mortem* (cadáver). Este último é mais frequente, no entanto, para seus órgãos serem viáveis para a doação deve rigorosamente ser diagnosticado morte encefálica, onde todas as funções cerebrais encontram-se completa e irreversivelmente paradas. Isto significa que, como resultado de severa agressão ou ferimento grave no cérebro, o sangue que vem do corpo é bloqueado e este para de desenvolver as funções de comando, controle, regulação e psicológicas.

Com isso, o indivíduo passa a ser considerado doador em potencial (MOREIRA et al, 2012). O corpo de um doador *post mortem* deve ser entregue à família condignamente recomposto.

Conforme exposto, nota-se que houve uma considerável evolução nos processos de transplantes realizados no Brasil nas últimas décadas, mas, ainda há um longo caminho



**Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020**

a ser percorrido para chegarmos no nível ideal. O fato é que transplantar órgãos e tecidos de indivíduos diagnosticados por junta médica como aptos para doação é um ato que pode beneficiar outras vidas e assim sob certo aspecto moral perpetuar a vida de outro ou até mesmo outros indivíduos.

A Enfermagem é uma dimensão de estudo muito importante nas Ciências da Saúde, uma vez que seus procedimentos, normas e ações destinam-se a prover suporte às medidas terapêuticas e de cura dos pacientes, além disso, a Enfermagem possui um enfoque humanista bastante amplo: O profissional de Enfermagem está continuamente próximo ao paciente, providenciando os cuidados indispensáveis para o seu restabelecimento e, sobretudo, procurando aliviar o sofrimento deste paciente.

Cabe lembrar, neste sentido, que o alívio do sofrimento é (ou deve ser) a meta fundamental de todo profissional da saúde, e o enfermeiro é o elo entre o paciente e a equipe multiprofissional. Assim, o Processo de Enfermagem tem como foco a atenção integral ao paciente, contemplando seus aspectos físicos (relacionados às suas moléstias), mas também os aspectos emocionais, subjetivos e psicológicos (ARAÚJO et al, 2017).

É inegável a contribuição do enfermeiro para o sucesso do transplante. A complexidade do cuidado tem se tornado cada vez maior e o tempo de hospitalização pós-transplante tem sido reduzido. Dessa forma, os enfermeiros necessitam prover assistência de alto nível, tanto aos candidatos e receptores de transplantes, quanto a seus familiares ou cuidadores, que permita a continuidade do tratamento fora do ambiente hospitalar. O papel do enfermeiro e sua função são diferenciados de acordo com a sua formação profissional, cargo na instituição e cenário de prática.

No cenário brasileiro, poucas instituições de ensino superior proporcionam formação nesta área de conhecimento. É importante que os enfermeiros envolvidos nos transplantes, examinem continuamente sua prática profissional, buscando maneiras de melhorar a assistência de enfermagem prestada a essa clientela (MENDES et al, 2012).

Araújo et al (2017) citam que a Resolução 292 do COFEN (Conselho Federal de Enfermagem), que normatiza o alcance das atividades do profissional de Enfermagem nos procedimentos de captação de órgãos e tecidos humanos para transplante, pode-se



**Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020**

observar claramente um entendimento a respeito do papel deste profissional como elemento promotor da notificação aos órgãos governamentais que detêm a responsabilidade do gerenciamento dos processos de captação e redistribuição de órgãos e tecidos, monitoramento das condições vitais do doador em potencial, e acompanhamento dos familiares na realização dos procedimentos de permissão de doação.

Os enfermeiros são responsáveis por notificar a central de doação e transplante quando há diagnóstico de morte encefálica de um paciente da UTI e planejar os procedimentos a serem executados pela equipe para o manejo adequado do potencial doador, além de muitas vezes abordar os familiares sobre o interesse de doarem os órgãos do ente falecido (MOREIRA et al, 2012).

O enfermeiro que atua em transplante presta cuidado especializado na proteção, promoção e reabilitação da saúde de candidatos, receptores e seus familiares, bem como, de doadores vivos e seus familiares ao longo do ciclo vital. Tal cuidado inclui prevenção, detecção, tratamento e reabilitação dos pacientes com problemas de saúde relacionados às doenças prévias ao transplante de órgãos ou comorbidades associadas ao tratamento pós-transplante (MENDES et al, 2012).

O profissional de enfermagem tem um papel muito presente nesse cenário porque é o agente de saúde mais próximo do paciente tanto o doador como o receptor, sendo assim, além do seu preparo técnico, é muito importante que busque constantemente apoio psicológico para ter estrutura emocional para participar de situações desafiadoras que surgem em sua rotina de trabalho.

O insuficiente número de doações de órgãos tem sido tradicionalmente relacionado à falta de consciência do público sobre a necessidade de transplantes de órgãos e à falta de oportunidades para doação. Tais razões impactam na falta de compreensão e entusiasmo do público para a doação de órgãos. Estratégias para a melhoria da doação de órgãos, incluindo, a necessidade de legislação, informação pública, campanhas e registro de potenciais doadores de órgãos em documentos oficiais (carteiras de motorista e de identidade) têm falhado ao tornar significativa tamanha



disparidade entre o número de doadores e o de pessoas que aguardam um transplante (ROZA et al, 2010).

Todas essas visões dos autores podem ser analisadas e colocadas em prática de forma que se multiplique na sociedade, a proposta/objetivo desse estudo é tornar conhecido o contexto da doação de órgãos e tecidos e conscientizar a sociedade sobre a importância desse tema.

Esse estudo tem como objetivo descrever sobre a importância da doação de órgãos e tecidos e o papel do profissional de enfermagem nesse contexto. Pretende apresentar conceitos e visões para reflexão sobre a necessidade de um aumento de doadores na sociedade brasileira e do quanto os potenciais receptores precisam de apoio nesse momento delicado de suas vidas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 MATERIAL E MÉTODOS**

A revisão de literatura é um recurso de pesquisa acadêmica que permite a seleção de conteúdos que ao serem reunidos representam uma compreensão do tema.

De acordo Lakatos; Marconi (1987, p.161):

A pesquisa bibliográfica levanta, seleciona e documenta a bibliografia publicada sobre o tema que é pesquisado, em livros, revistas e jornais com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Portanto foi realizada revisão da literatura na busca através do Google e Scielo com os seguintes descritores: doação de órgãos e tecidos, enfermagem, promoção à saúde. Foram selecionados conteúdos publicados nos anos 2010 à 2017 (Tabela 1) que ofereceram insumos teóricos suficientes para se construir os textos desse estudo.



QUADRO 1 – Resultados sobre busca de produções recentes relacionadas à doação de órgãos e tecidos.

AUTOR	ANO	TÍTULO	OBJETIVO	CONCLUSÃO
MATTIA et al	2010	Análise das dificuldades no processo de doação de órgãos	Caracterizar os artigos científicos, publicados no Brasil no período de 2000 a 2007, que fazem referência às dificuldades no processo de doação de órgãos.	Concluiu-se que sejam tomadas medidas de educação contínua entre esses profissionais, iniciando durante o período acadêmico, conscientizando a importância dos profissionais no processo de doação, com o objetivo de reduzir o tempo nas filas de espera por um
				transplante de órgão no Brasil.
ROZA et al	2010	Doação de órgãos e tecidos: relação com o corpo em nossa sociedade	Tecer considerações teóricas sobre doação de órgãos e tecidos e sua relação com o corpo em nossa sociedade.	As ações de melhoria, garantindo uma sequência éticolegal já definida em lei, legislação e decreto dos transplantes pressupõem o compromisso com a qualidade e a segurança do processo de doação de órgãos e tecidos que deve ser



Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020

				rigorosamente perseguida pelos profissionais que trabalham na área.
MENDES et al	2012	Transplante de Órgãos e Tecidos	Tecer considerações sobre o papel e as responsabilidades do enfermeiro que atua em programa de transplantes de órgãos e tecidos.	Conclui-se que o enfermeiro deve ter conhecimento dos princípios de boas práticas e ter recursos disponíveis para avaliar o mérito, riscos e questões sociais relacionadas aos transplantes.
MORAIS; MORAIS	2012	Doação de órgãos: é preciso educar para avançar	Enfatizar como a educação influi positivamente nas estatísticas de doações de órgão.	Faz-se necessária uma exortação ao poder público, para que esse considere a falta de insumos à prática da doação de órgãos como um problema real e inclua as atividades educativas acerca de transplantes nos





Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020

				programas prioritários de governo e nas políticas de atenção à saúde.
MOREIRA et al	2012	Assistência de enfermagem no processo de doação de órgãos e transplantes	Discutir a partir da produção científica nacional e internacional sobre a assistência de enfermagem no processo de doação e transplante de órgãos.	A enfermagem atua de forma significativa em todas as etapas e assume uma posição que pode contribuir de diversas maneiras para que haja, ou não, o transplante de órgãos.
FREIRE et al	2015	Estrutura, processo e resultado da doação de órgãos e tecidos para transplante	Analisar os fatores relacionados à estrutura, ao processo e resultados da doação de órgãos e tecidos para transplantes.	A estrutura e o processo determinaram o resultado de que 72,3% dos potenciais doadores não efetivaram a doação, índices compatíveis com os nacionais, mas contraditórios com os da Espanha, que consegue transplantar os



				órgãos de 86,7% dos seus doadores.
SILVA FILHO	2016	Enfermagem e a Sensibilização de Famílias na Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante	Identificar as evidências científicas que abordam as ações de enfermagem para a sensibilização de famílias na doação de órgãos e tecidos para transplante	É observado que o enfermeiro atua, de maneira efetiva, no processo de doação de órgãos e tecidos, seja na manutenção dos órgãos em boas condições ou na abordagem à família, promovendo um esclarecimento efetivo sobre este processo.
ARAÚJO et al	2017	O Papel do Profissional de Enfermagem na Doação de Órgãos	Apontar algumas referências a respeito do papel do profissional de enfermagem no processo de realização de procedimentos de doação de órgãos no sistema de saúde, com especial ênfase para o caso brasileiro	Assim, com base nestas dimensões, esta pesquisa procurou demonstrar que o agente responsável pelos cuidados de enfermagem do paciente doador em potencial reúne características subjetivas extremamente importantes para a promoção de um



				esforço de doação de órgãos.
--	--	--	--	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora

## 2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que esse estudo apóia-se em uma revisão de literatura, os resultados e discussão relacionam-se com as visões dos autores dos artigos selecionados para este estudo. A compreensão do tema é ampliada com as concepções de autores que realizaram estudos sobre temas relacionados e que convergem para ideias similares.

Mattia et al (2010) relata sobre a taxa de doação de órgão no Brasil, e ressalta que ele é o país que tem o maior programa público de transplante do mundo, esclarecendo como se dá esse processo desde a captação do doador em potencial até o procedimento.

Roza et al (2010) considera que um dos maiores desafios para o reduzido número de doadores é conseqüentemente insuficiente número de doações de órgãos tem relação com a falta de consciência do público sobre a necessidade de transplantes de órgãos e a falta de oportunidades para doação. Tais razões impactam na falta de compreensão e entusiasmo do público para a doação de órgãos.

Mendes et al (2012) salienta que o papel do enfermeiro e sua função são diferenciados de acordo com a sua formação profissional, cargo na instituição e cenário de prática. No cenário brasileiro, poucas instituições de ensino superior proporcionam formação nesta área de conhecimento. É importante que os enfermeiros envolvidos nos



**Ano III – Volume IV – Número 1 – Mês Fevereiro/2020**

transplantes, examinem continuamente sua prática profissional, buscando maneiras de melhorar a assistência de enfermagem prestada para esses clientes.

Morais e Morais (2012) explicam o fluxo do processo de doação de órgãos e tecidos conforme segue: Identificação do potencial doador, Notificação, Avaliação, Informação do Doador Efetivo, Identificação das Equipes Transplantadoras, Retirada dos Órgãos e Liberação do Corpo.

Moreira et al (2012) esclarece que o transplante de órgãos é uma alternativa terapêutica que traz grandes chances de recuperação a uma pessoa que pode estar anos em sofrimento. Configura-se por retirar órgão ou tecido ou parte deles de um indivíduo, o doador, e implantá-lo em outro, o receptor.

Freire et al (2015) comenta que desde a década de 1950, o transplante vem evoluindo de procedimento com elevado risco de morte, realizado apenas em pacientes com insuficiência renal crônica em estágio final, para intervenção terapêutica eficaz nas doenças terminais de outros órgãos sólidos, como coração, pulmão, fígado, pâncreas e intestino, além de tecidos e células. Esta notável evolução decorre de uma série de confluências, como aceitação cultural, evolução jurídica e política para facilitar a doação e o transplante, métodos de captação e distribuição dos órgãos e tecidos, avanços das técnicas cirúrgicas e de preservação, imunologia, imunossupressão e gerenciamento de infecções. As doações e o aproveitamento de órgãos e tecidos, no entanto, estão aquém das necessidades das grandes filas de espera.

Silva Filho et al (2016) salienta que a legislação brasileira com relação a doação de órgãos e tecidos apóia-se nas seguintes leis: Lei nº 5.479/68, Lei nº 8.489/92 e a Lei nº 9.434/97.

Araújo et al (2017) reforça que o profissional de Enfermagem está continuamente próximo ao paciente, providenciando os cuidados indispensáveis para o seu restabelecimento e, sobretudo, procurando aliviar o sofrimento deste paciente. Cabe lembrar, neste sentido, que o alívio do sofrimento é (ou deve ser) a meta fundamental de todo profissional da saúde, e o enfermeiro é o elo entre o paciente e a equipe multiprofissional.



Todos os autores de forma muito clara evidenciaram a importância desse tema e do quanto é necessário conscientizar a sociedade sobre a oportunidade de salvar vidas ou mesmo melhorar a qualidade de vida de pessoas que podem ter seus sofrimentos amenizados com a participação no contexto da doação de órgãos e tecidos.

### **3. CONCLUSÃO**

Verifica-se que a questão da doação de órgãos e tecidos precisa ser trabalhada de forma que a sociedade entenda que pode fazer parte de um processo de salvamento de vidas. Um outro ponto evidenciado no estudo é a importância do papel do profissional de enfermagem nesse cenário tanto para a família de um potencial doador como para o receptor, pois ele participa de todas as etapas desse processo e pode fazer a diferença na vida dos pacientes e de seus familiares.

As escolas que formam profissionais dessa área podem dar uma base de conhecimento e experiências preliminares nos estágios, preparando-os para o trabalho real. O trabalho do enfermeiro vai muito de além do controle de medicamentos ou aplicação de injeções. É necessário que este profissional esteja preparado não apenas tecnicamente, mas, emocionalmente para estar atuante nessas situações.

### **4. REFERÊNCIAS**

ARAÚJO et al. **O Papel do Profissional de Enfermagem na Doação de Órgãos**. São Paulo, 2017. Revista Saúde em Foco – Edição nº 9 – Ano: 2017.

FREIRE et al. **Estrutura, processo e resultado da doação de órgãos e tecidos para transplante**. São Paulo, 2015. Revista Brasileira de Enfermagem. 2015 set-out;



68(5):837-45.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

MATTIA et al. **Análise das dificuldades no processo de doação de órgãos**: uma revisão integrativa da literatura. São Paulo, 2010. Revista - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(1):66-74.

MENDES et al. **Transplante de Órgãos e Tecidos**: Responsabilidades do Enfermeiro. Florianópolis, 2012. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2012 Out-Dez; 21(4): 94553.

MORAIS, T.R. MORAIS, M.R. **Doação de órgãos**: é preciso educar para avançar. Rio de Janeiro, 2012. Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 633-639, out./dez. 2012. MOREIRA et al. **Assistência de enfermagem no processo de doação de órgãos e transplantes**. São Paulo, 2012. Revista Prevenção Infecções e Saúde.2016;2(1-2):3242.

ROZA et al. **Doação de órgãos e tecidos**: relação com o corpo em nossa sociedade. São Paulo, 2010. Acta Paul Enferm 2010;23(3):417-22.

SILVA FILHO et al. **Enfermagem e a Sensibilização de Famílias na Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante**: Revisão Integrativa. Recife, 2016. Revista Enfermagem UFPE on line., Recife, 10(Supl. 6):4902-8, dez., 2016.